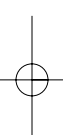


E S T U D O S

Buda e o Budismo num relâmpago em dois momentos de Teixeira de Pascoaes



*Budismo e franciscanismo,
eis então duas
manifestações que
em Pascoaes,
através de um amor
sem limite
pelas formas inferiores
da vida,
parecem congêneres
ou concordes
uma da outra.*

O primeiro encontro de Teixeira de Pascoaes (1877-1952) com a figura de Buda encontra-se, salvo involuntário erro ou desconhecimento da minha parte, que é bem possível de se conceber, no livro *As Sombras*, cuja primeira edição é de 1907. Trata-se de livro escrito em verso, num registo lírico inclassificável, em que complexas analogias vertiginosamente correm à desfilada em longas e misteriosas apóstrofes de centenas de versos. A meio do livro, esta torrente caudalosa e instintiva, brotando de chofre da escuridão mais funda, é interrompida por um refrear de rédeas; ouve-se, nitidamente se ouve, o relincho assustado do poema diante do relâmpago que o faz parar, esse verso fulminante que fecha a “A Sombra do Luar” e que grita o *incêndio trágico da noite*.

O que então encontramos nessa paragem, muito mais organizada e civilizada, lento trote ou passo de bailado, são dezoito sonetos, aparados a rasoira e formando clareira de luz no meio das trevas instintivas das sombras. É lá que deparamos com um soneto votado a Buda, no meio de outros dedicados a Marco Aurélio, a Francisco de Assis, a João Bernardes, a Jesus, a Eurídice, a Pã. Diz assim o quadro de catorze versos:

**António Cândido
Franco**
Universidade de Évora

*Seguia Buda, um dia, o seu caminho,
Sob os raios do sol que o penetravam,
Quando avistou, deitado, um cão velhinho,
Com chagas, onde os vermes pupulavam.*

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

*E, com amor e fraternal carinho,
Limpou-lhe as chagas podres, que cheiravam
Tão mal! – livrando assim o pobrezinho,
Mendigo cão das dores que o matabam.*

*Mas, preocupado, continuou andando...
E lembrou-se dos vermes, que, ficando
Sem nenhum alimento, iam morrer.*

*E voltou junto deles; e um pedaço
De carne, ali, cortara do seu braço
E, abençoando-os, deu-lhes de comer.*

Trata-se de pequeno conto em forma de soneto, figurando um passo curtíssimo da vida de Gautama, em manhã quente de Sol, porventura da responsabilidade da imaginação de Pascoaes. Faz-se dele paráfrase imediata: compadecimento por um cão lazarento, que se estende depois aos vermes que o apoquentavam com sacrifício da própria carne de Buda.

Alegoriza-se porventura neste passo uma das componentes mais fortemente significativas da figura de Buda, se não mesmo a capital: a compaixão, uma compaixão sem limites, que se alarga progressivamente a tudo o que de mais irrelevante existe e que não estaca mesmo diante da necessidade de sacrifício pessoal. É ainda por compaixão que Gautama recusa o nirvana e aceita regressar à roda das reencarnações, sendo esse talvez o momento decisivo da sua doutrina.

De todas as figuras que acompanham na clareira do livro de 1907 a de Buda, a mais próxima dele parece ser a de Francisco de Assis. Jesus é figura sem carne, que se evola no céu quando Madalena o aperta nos braços; é o Cristo gnóstico, feito de luz e abominando a matéria. Marco Aurélio é filósofo áulico, impotente diante do mal e da morte. Pã é o criador trágico da vida, em todos os seus aspectos ridentes e felizes, mas também doloridos e sangrentos. Eurídice é outra sombra, descarnada e impalpável, a que só o além empresta vida, uma vida pálida de luar. Bernardes, por sua vez, aparece na serra de Sintra como um místico etéreo, vivendo mais no Paraíso que na Terra. Resta Francisco de Assis, o irmão dos lobos, o irmão das pedras e dos ventos, que beija o conspurcado chão terreno e abraça no mesmo abraço *tudo quanto vive, sofre e chora*.

Budismo e franciscanismo, eis então duas manifestações que em Pascoaes, através de um amor sem limite pelas formas inferiores da vida, parecem congêneres ou concordes uma da outra.

* * *

E o último encontro de Teixeira de Pascoaes com a figura de Buda encontra-se, salvo também involuntário desconhecimento da minha parte, em passagem de texto do último ano da sua vida. Trata-se de texto sem título, gravado por radioamadores do Porto, num estúdio desta cidade e que parece corresponder àquilo que Mário Garcia no seu monumental trabalho, *Teixeira de Pascoaes* (1976), referencia como uma conferência deixada inédita com o título “Soror Mariana e Teresa de Ávila”. Parágrafos seus reconhecem-se, recorrendo à gravação, entalhados num outro texto da mesma época, “A Alma Ibérica”, que esteve para ser a introdução ao *Epistolário Ibérico*, recolha das

cartas de Pascoaes e Unamuno, mas que só acabou dado à estampa em 1971, quatorze anos depois da primeira publicação do *Epistolário*, na revista *Colóquio-Letras*, andando hoje metido na colectânea clássica de Pascoaes organizada por Pinharanda Gomes, *A Saudade e o Saudosismo* (1988).

O texto gravado de que falamos foi transcrito por Elsa Nunes, estudiosa eborense de Pascoaes e de Unamuno, e publicado com uma pequena nota introdutória minha na revista *Espacio/Espazo Escrito* (nº 17-18, Badajoz, 1999-2000, pp. 13-17). É texto riquíssimo, apesar de curtíssimo, nada mais que quinze parágrafos, onde num galope veloz passam as estrelas e os desertos, os homens e as flores, e passa sobretudo a Ibéria, com a Espanha do Quixote e de Teresa de Ávila e com o Portugal líquido e Atlântico de Camões e de Soror Mariana, mas também com a altiva pátria basca, com a Galiza de Rosalia, com a Andaluzia árabe e com as hortas valencianas do Levante. É lá, no meio dessa vertiginosa tempestade de imagens e de lugares, que de repente surgido do além ou das nuvens voltamos a encontrar a figura de Buda. Eis o parágrafo:

O “yo” é mais forte do que o “Je” ou o “I” ou o nosso “Eu”, porque o “Yo” pronuncia-se com acento agudo, como se fosse ferido por uma seta. É a sensação violenta da nossa personalidade que nos não permite repousar nesse vago “não-ser” delicioso, entrevisto por Buda, esse fumador de ópio de além das nuvens, muito sentado no trono do Altíssimo.

Em vez do conto em forma de verso, alegorizando passo representativo da vida de Gautama, enlaçando-o num corpo doutrinal reconhecido, temos desta vez o momento reflexivo em torno do *ego* do castelhano, com a *sensação violenta da personalidade*, essa palavra em sangue, e o contraste vivo com o não-ser búdico, indiferente ao mundo e à roda dos seus desejos. Em vez de um Buda real, compadecendo-se do sofrimento do que vive, temos um Buda irreal, fumando ópio no além das nuvens. É a dimensão do nirvana ou da libertação que desta vez Pascoaes alegoriza ou sugere no traço do seu desenho, afastando-o por aí de tudo o que vive e chora.

Essa dimensão do satori ou da iluminação, esse círculo dos que se libertam do desejo como um fumador de ópio se livra do mundo, semelhando desse modo o que está acima de tudo, o Altíssimo do trono, surge na Ibéria mais do lado do português que do castelhano; o primeiro apaga com as tintas crepusculares das sombras aquilo que o segundo vive e sublinha a sangue, gritando de manhã na nitidez da luz o seu ser. Isso mesmo se assinala na versão do parágrafo que aparece na “Alma Ibérica”, onde a personalidade do português forma contraste com a do castelhano. Vale a pena a transcrição:

O Santo castelhano é em pedra o yo soy yo... O Santo Lusíada é em barro o eu sou eu. Temos dois relevos, o alto em yo e o baixo em eu. Y... ó, dois sons agudos e dois graves: ê... u. O yo é individualista como o eu é colectivista. No yo há a sensação violenta da nossa personalidade, que não nos permite repousar nesse vago não-ser delicioso, entrevisto pelo Buda. No eu, há também é claro a sensação da nossa personalidade, mas atenuada ou antes eterizada num sentimento triste de nós próprios: triste ou sonhador, que nos torna alheados da realidade, e nos lança em aventuras longínquas, ou nos faz cair na vil tristeza. Temos o yo em Cervantes, Santa Teresa e temos o eu em Camões e Soror Mariana. O yo e o eu somados dão-nos Cervantes em Soror Mariana e Camões em Santa Teresa e dão até a nossa freira de Beja em San Juan de la Cruz e a Santa de Ávila em Antero e João de Deus. Dão enfim a alma saudosa-quixotesca, a Alma Ibérica.

PAULO BORGES

* * *

Entre estes dois momentos que aqui tocamos, o inicial com o soneto de 1907 e o final com os parágrafos da prosa de velhice, decorrem cerca de quarenta e cinco anos; há decerto gradações intermédias entre eles, que aqui nos escapam mas que muito podem ilustrar estes dois extremos, o de um Buda no e para o mundo e um outro fora dele. A mais importante delas é porventura aquela em que no *Santo Agostinho* (1945) o enunciador do livro deixa cair esta reflexão estupenda: *Deus, o único ateu perfeito*.